

«HILARIANTE, SOLIDÁRIO, EXASPERANTE E COMOVENTE.»

LIBRARY JOURNAL



toda a gente



nesta sala



um dia



há de morrer



TOP
SEL
LER

EMILY AUSTIN

PARTE UM

Advento

Deve ter havido uma explosão. Ouço zumbidos intercalados com os gritos abafados de uma mulher. Está tudo preto. Pestanejo repetidamente.

Preto. Preto. Preto.

Pestanejo mais uma vez e vejo a luz do sol. A silhueta imponente de um semáforo forma-se à minha frente. A luz está verde, mas não estou a mexer-me. Olho para trás. Uma carrinha bege expele fumo do capô amassado. Há estilhaços na estrada...

Agora já me lembro. Estava prestes a beber um gole de café. Ouvei um carro a apitar, olhei pelo espelho retrovisor e vi aquele monovolume a espetar-se na bagageira do meu carro. O meu *airbag* explodiu e eu, involuntariamente, dei um murro na minha própria cara.

Agora estou coberta não só pelas entranhas abrasadoras da minha garrafa térmica que entrou erupção, como também por uma poeira cinzenta que foi expelida quando o *airbag* rebentou. Ligo os quatro piscas e olho novamente para o espelho. A mulher que gritava emergiu da carrinha. Vem a correr na minha direção.

Estou assoberbada pelo cheiro do meu falecido café que está a resuscitar sob a forma de manchas nos estofos do carro e de queimaduras no meu peito. A luz do sol incide-me diretamente nos olhos

e ainda ouço zumbidos. Fecho os olhos e concentro-me na escuridão por detrás das pálpebras.

A mulher está a bater com os nós dos dedos na minha janela, mas mantenho os olhos fechados. Tenho tendência a chorar na presença de demasiados estímulos. Manter os olhos fechados poderá impedir-me de sucumbir a essa tendência humilhante.

— Ela não abre os olhos! — A voz abafada da mulher guincha do outro lado da janela.

— Está morta?

Mantenho os olhos fechados, mas aceno com um braço para demonstrar que estou viva.

— Porque é que tem os olhos fechados? — pergunta ela. — Pensei que a tinha matado!

Será que esta mulher pensa que toda a gente que morre fecha os olhos?

— Consegue ouvir-me?

Bate outra vez na minha janela.

Em vez de lhe explicar que estou de olhos fechados para evitar chorar em público ou expô-la à realidade sombria da morte com olhos arregalados, decido que a coisa mais fácil a fazer agora é abrir os olhos.

A minha visão é inundada por uma luz branca.

— Oh, querida — ouço a mulher dizer num tom de voz tranquilizador, agora que as lágrimas começaram a atirar-se do penhasco que é o meu nariz.

— Eu estou bem — minto.

Descobri o cadáver da minha coelha de estimação quando tinha 10 anos. Estava a planear dividir a minha maçã com ela. Em vez de partilhar um momento e um pedaço de fruta com o meu animal de estimação, vi-me frente a frente com os seus restos mortais. De olhos bem abertos. Morta.

* * *

— Sente-se bem? Está a sangrar, sabe?

Aproximo o rosto do espelho retrovisor e analiso o meu reflexo. Tenho o nariz a sangrar. Este meu encontro com o espelho também me revela que tenho os olhos raiados de sangue e uma tez pálida, quase translúcida. No entanto, é possível que estas maleitas já me assolassem antes do acidente. Ultimamente, não tenho olhado muito para o espelho.

— E o seu braço... — Ela aponta para o meu braço.

Olho para baixo e vejo que tenho um dos braços pousado no colo de uma forma muito pouco natural. O impacto do *airbag* deve tê-lo partido ou deslocado.

Apesar de tanto o meu carro como o meu braço estarem partidos, vou a conduzir até às urgências. Resolvi não envolver uma ambulância, porque não gosto de dar espetáculo. Preferia ser atropelada por outra carrinha do que estar rodeada por paramédicos a tocarem-me no interior de um veículo que dá tanto nas vistas.

O meu pé está a carregar tão levemente no pedal do acelerador que mal avanço. Vou a arrastar-me pela estrada com o *airbag* pendurado no volante como se tivesse sido estripado.

Um grande camião branco vai muito colado a mim. O motorista não para de buzinar.

Agarro o volante com força, ciente de que, se outro carro se enfaixar na minha traseira neste momento, não haverá nada para amortecer o impacto.

Fulmino o camião com o olhar quando passa por mim como se fosse um predador atrás de uma presa. Aperto o volante enquanto me aflijo intensamente a pensar que sou uma criatura viva que respira, mas que um dia vai morrer. Condutores sem escrúpulos podem

mandar-me desta para melhor. Estou presa dentro deste corpo frágil. Poderia ser abalroada para fora da estrada. Poderia ser esmagada por uma carrinha. Poderia engasgar-me com uma uva. Poderia ser alérgica a abelhas; sou tão efémera que um miserável inseto poderia saltar de uma margarida para o meu braço, picar-me e eliminar-me. Preto. Nada.

Olho fixamente para os vincos nos nós dos meus dedos e tomo consciência da minha respiração.

Sou um animal; um organismo composto por ossos e sangue.

Analiso as árvores conforme passo por elas devagar. Faço isso para ocupar a mente com pensamentos que não estejam relacionados com a minha própria mortalidade frágil.

Aquilo é um pinheiro.

Um ácer.

Outro pinheiro.

Abeto.

A minha morte e a morte de todos os que amo é inevitável.

Outro pinheiro.

Dirijo-me ao balcão da receção e posiciono-me mesmo ao centro. Espero pacientemente que o funcionário olhe por cima da sua papelada para me cumprimentar. Leio os cartazes colados na parede atrás da sua secretária para parecer ocupada e para me distrair do facto de que cada momento que passa me aproxima do meu destino final. (A morte.)

Há um póster com o título «O VÍRUS DO PAPILOMA HUMANO!». A utilização estranha de um ponto de exclamação foi o que me atraiu o olhar. A modelo contratada para posar para o póster está a sorrir tão agressivamente que consigo ver cada um dos seus enormes dentes. Olho fixamente para os seus olhos radiantes, interrogando-me como poderei também eu alcançar a felicidade. Será que viver uma

vida livre do medo de apanhar HPV resulta nesse nível de euforia? Se assim for, deem-me já a vacina.

— Qual é o seu problema hoje? — o enfermeiro acaba por me perguntar.

Apetece-me dizer-lhe que o meu problema pode ser o facto de ainda não ter recebido a minha vacina contra o HPV. No entanto, já tinha estado a recitar mentalmente o que dizer, por isso anuncio:

— Acabei de me ver envolvida num pequeno acidente de viação.

— O quê? — Ele levanta o olhar, surpreendido. — A sério?

— Sim.

— Oh, meu Deus. Você está bem?

Esta é uma pergunta estranha, parece-me a mim. A minha presença como potencial paciente nesta sala de urgências implica que não estou bem.

Apesar de achar a pergunta estranha, respondo:

— Sim, estou bem. — Ao que acrescento: — Bem, julgo que sou capaz de ter partido o braço, mas estou bem no geral. E o senhor, como está?

Ele levanta-se para inspecionar o meu braço. Em seguida, olha-me nos olhos e depois olha-me de lado, mostrando desconfiança.

— Está muito mais calma do que habitualmente, quando costuma vir aqui.

Incapaz de formular uma resposta mais articulada, gaguejo:

— O-obrigada.

Compelida agora a desviar a conversa da minha costumeira falta de compostura, decido que é o momento certo para partilhar:

— E gostaria de ser imunizada contra o HPV, por favor.

Enquanto espero que o meu número seja chamado, ocupo-me a diagnosticar diletantemente todas as pessoas que estão na sala de espera, identificando a maleita de que imagino que padeçam.

Aquele homem está com gripe.

Aquela senhora tem cancro.

Aquele miúdo está a fingir.

Depois de concluir a minha avaliação de todos os que se encontram na sala, ouço uma voz familiar a gritar.

— Olá!

Através da minha visão periférica, vejo que uma enfermeira está a acenar-me.

Finjo não a ver. Mostro-me muito concentrada nos mosaicos do chão.

Faltando-lhe a intuição necessária para reconhecer que não quero ser abordada, ela volta a gritar.

— Olá!

Ranjo os molares e olho para ela.

— Prazer em ver-te! — berra ela.

Sorrio de modo débil.

— Prazer em ver-te também, Ethel.

Ela sorri, enquanto um enfermeiro diferente, cujo nome é Larry, caminha na sua direção. O Larry também olha para mim. Acena.

— Então cá estamos de volta, não é?

Anuo com a cabeça.

— Trabalha aqui, ou algo assim? — questiona o paciente sentado ao meu lado.

— Não — respondo, no momento em que o Frank, um dos contínuos do hospital, aponta para mim e grita:

— Então, miúda!

Estou na triagem antes de poder ser vista pelo médico.

— Está a tomar algum medicamento?

— Não — respondo eu. — Bem, tenho tomado muita vitamina D ultimamente.

Na semana passada, quando vim às urgências, disseram-me que não havia nada de errado comigo e que devia considerar tomar um suplemento de vitamina D.

— Apenas vitamina D? Nenhum outro medicamento?

— Não.

— Há algum historial de problemas cardíacos na família?

— Não.

— Há alguma possibilidade de estar grávida?

— Não.

A enfermeira aperta os lábios enquanto escreve as minhas respostas. Interpreto aqueles lábios apertados como uma indicação de que está a julgar-me. Respondi que não tomo medicamentos, o que significa nada de pílula, e respondi que não há qualquer hipótese de estar grávida, sugerindo conseqüentemente que é provável que seja celibatária. Não sou. Sou apenas homossexual e, portanto, ditosamente poupada ao perigo de uma gravidez.

— Nenhuma possibilidade mesmo? — repete ela.

— Não — respondo, vendo os seus lábios a comprimirem-se mais uma vez.

— Isto pode doer um bocadinho — avisa-me a médica.

— Não faz mal. — Anuo com a cabeça.

Ela mexe o meu braço rapidamente. Dá um estalido desconcertante.

A enfermeira que está na sala ergue as sobrancelhas, impressionada.

— Ena, nem sequer estremeceu. É mesmo corajosa. — diz ela.

— Obrigada. — Anuo com a cabeça.

Não estremeci porque não doeu. No entanto, não vou admitir isso, porque prefiro impressionar esta enfermeira com a minha bravura. Também prefiro fingir que sou corajosa, porque suspeito que deveria ter doído e o facto de não me ter doído é capaz de ser um sintoma de algum problema médico muito maior.

A enfermeira tem o olhar fixo em mim.

— Está bem? — pergunta-me.

— O quê? — pergunto, olhando para ela.

— Está bem? — repete.

— Oh. — Aceno em concordância. — Sim, estou bem.

Uma vez parti o braço. Estava no quarto ano. Fiz uma acrobacia arriscada numa barra para a qual trepara e espetei-me no cascalho debaixo da estrutura metálica como um pássaro abatido. Fiquei ali deitada, a olhar para a cara dos meus colegas de turma enquanto eles, extasiados, se amontoavam à minha volta.

Sempre detestei ser o centro das atenções. Apesar de o meu braço se ter partido e apesar daquilo que classificaria como uma dor impressionante, assegurei a toda a gente que estava bem até dispersarem.

Eu não estava bem. Tinha fraturado dois ossos no braço.

— Vai ter de ver se há vermelhidão à volta do gesso diariamente — instrui a médica.

— Está bem — digo, anuindo com a cabeça.

— E se sentir o braço quente ou se tiver febre, volte aqui às urgências, está bem?

— Sim — respondo, voltando a anuir com a cabeça.

Ela folheia alguns papéis que tem na prancheta.

— Estou aqui a ver que tem vindo visitar-nos muitas vezes nos últimos tempos. Tem-se queixado de dores no peito e problemas respiratórios. Isso acontece-lhe muito?

— Sim — respondo. — Sinto muitas vezes um aperto no peito.

— Parece-me que anda a ter ataques de pânico — diz-me ela. Depois, olha para a prancheta e diz: — Posso encaminhá-la para um psiquiatra.

Estão sempre a encaminhar-me para psiquiatras. Nunca me contactam.

— Entretanto, já pensou em tomar um suplemento de vitamina D?

— Pode vir cá buscá-los na quarta-feira? — pergunta-me a farmacêutica depois de lhe entregar a minha receita de analgésicos.

— Quarta-feira? — repito.

— Sim. — Ela acena com a cabeça. — Pode ser?

— Isso é daqui a três dias — comento.

Ela franze o sobrolho.

— Não, não é. É amanhã.

— O-oh — vacilo. — Certo. Desculpe, tenho dormido muito nos últimos tempos. Tem afetado a minha perceção do tempo.

Ela volta a franzir o sobrolho.

Aperto os dedos dos pés dentro dos sapatos. Não sei porque é que partilhei aquilo.

— Tenho-me sentido doente — apresso-me a mentir. — Ando a ver se trato desta constipação horrorosa e tenho dormido demais...

Conforme fabrico a mentira, percebo que esta mulher é uma profissional de saúde e por isso pode, de alguma forma, ser capaz de pressentir quando as pessoas estão a fingir doenças.

— Mas agora sinto-me muito melhor — digo para tentar negar a mentira.

— Fico contente por saber — responde ela, num tom que expõe absolutamente nenhuma sinceridade.

— Estou? — digo, com dificuldade, quando atendo o telemóvel.

Faz sol na rua. O brilho do ecrã do meu telemóvel é demasiado fraco para identificar a chamada.

— Estás a ignorar-me? — confronta-me a voz do outro lado.

Reconheço que a voz pertence à Eleanor. É a rapariga com quem ando.

Em vez de responder que não, como planeava, a minha língua enrola-se e não produzo nenhum ruído audível.

— Estou? Estás aí?

— Sim, desculpa — cuspo.

— Porque é que não me enviaste nenhuma mensagem a responder? Sabes que dá para ver quando lês as minhas mensagens, não sabes? Não é muito agradável ignorares-me desta maneira...

— Desculpa — repito. — Podemos, por favor, falar sobre isto mais tarde? Acabei de ter um pequeno acidente de carro e...

— O quê? Estás bem?

— Não sei — confesso. — Estou a tentar perceber qual é o autocarro que tenho de apanhar.

O meu carro está a ser rebocado para minha casa.

— Sabes como é que se chega a minha casa a partir da estação de serviço na Alma Street? — Semicerro os olhos para ler a placa amarela da paragem de autocarro por cima da minha cabeça. — Achas que deva apanhar o 94 ou o 97?

— Não sabes se estás bem?

— Bem, não, para ser completamente sincera, não sei. Nos últimos tempos, tenho-me sentido estranhamente cansada. Por muito que durma, acordo sempre a sentir-me exausta. Acho que se calhar tenho algum desequilíbrio de...

— Não — interrompe-me a Eleanor. — Referia-me ao acidente de carro.

— Ah, isso. Sim, estou bem. Estou mais preocupada com a possibilidade de ter uma deficiência vitamínica, honestamente. Acho que preciso de mais cálcio, ou algo assim. Sinto-me realmente fraca e com a cabeça enevoada. Tu bebes muito leite?

* * *

Um homem idoso e frágil está a oferecer-me o seu lugar no autocarro.

— Não posso aceitar — digo-lhe eu.

— Sente-se, sente-se — insiste.

Abano a cabeça.

— Não, obrigada, é muito simpático da sua parte... mas eu estou bem.

— Está ferida — diz ele, acenando com a cabeça para o meu gesso novinho em folha. — Por favor, estes lugares estão reservados a pessoas assim. Insisto em que se sente.

Olho para o autocolante por cima do banco com a representação de uma mulher grávida e de um homem idoso com uma bengala. Não sou nem uma coisa nem outra; sou uma mulher de 27 anos que não poderia estar grávida. Parece-me que sou a passageira de menor prioridade neste veículo. Tenho uma pequena lesão numa parte do corpo que não influencia a dificuldade que possa haver em andar de autocarro.

Em vez de explicar tudo isto, aceito o lugar com relutância. Agradeço quatro vezes ao velhote.

— Obrigada.

» Obrigada.

» A sério, obrigada.

» Muito obrigada.

Sempre que o condutor trava, o velhote desequilibra-se um pouco. Estou com medo de que ele caia ao chão. Imagino-o a desequilibrar-se completamente e a ser projetado pelo autocarro. Lembro-me de que as pessoas idosas têm ossos porosos e frágeis. Lembro-me de que as pessoas idosas podem morrer na sequência de uma queda. Começo a imaginar-me a assistir ao funeral daquele homem.

Estou toda vestida de preto.

Estou a dizer aos seus entes queridos que ele morreu por minha causa.

— A culpa foi toda minha — explico.

* * *

Desci do autocarro duas paragens antes para que o velhote ocupasse o seu lugar outra vez. As portas do autocarro abriram-se em frente a um café. Em vez de me pôr a caminho de casa, entrei lá dentro.

Depois de pedir um copo de leite grande, a empregada pediu-me para «esperar sentada um bocadinho». Achei que era um pedido peculiar, porque a minha bebida não levava tempo a preparar.

Em vez de a questionar, acabei por me sentar.

Passo algum tempo a pensar porque é que ela me pediu para me sentar. Começo então a interrogar-me porque é que é importante para mim saber a razão de ela me ter pedido para me sentar. Porque é que preciso de saber qual é a sua fundamentação lógica? Porque não posso simplesmente aceitar que as pessoas à minha volta têm a sua própria justificação para os seus pedidos e o seu comportamento? Porque não consigo ser como um cão e sentar-me quando me pedem, sem ficar a interrogar-me porquê?

Olho de relance para a pequena multidão que me rodeia. Talvez sejamos como cães. Estão todos aqui à espera das bebidas como animais bem treinados. Olho para as minhas mãos e depois para as mãos das pessoas ao meu redor. Estas são as nossas patas. Nós somos criaturas.

Tenho a perna a tremer com impaciência.

Abro a aplicação de notícias no meu telemóvel para me distrair. Começo a passar o polegar sobre as histórias.

Houve um tiroteio numa escola na quarta-feira passada.

Várias celebridades foram apanhadas a agredir sexualmente outras celebridades.

Os glaciares estão a derreter.

As tartarugas-marinhas estão em extinção.

Decidi desviar-me da página das notícias mais populares. Clico num artigo com o título: ESTRANHAS MANEIRAS DE MORRER.

Lottie Michelle Belk, 55 anos, foi atingida fatalmente por um chapéu de praia soprado pelo vento forte.

Hildegard Whiting, 77 anos, morreu asfixiada por emissões de dióxido de carbono produzidas por quatro arcas refrigeradoras com gelo seco num veículo de entregas da *Dippin' Dots*.

— O que é que aconteceu ao teu braço?

Uma miudinha puxa-me pela manga do casaco.

— Tive um pequeno acidente de carro — explico, desviando o olhar de um artigo sobre um homem e um candeeiro de lava. O homem não conseguiu pôr o candeeiro a funcionar, por isso pô-lo em cima do fogão e acendeu o lume no mínimo. O líquido do candeeiro começou a remexer-se e a borbulhar, até que sobreaqueceu e explodiu. O candeeiro estalou e a cera colorida, o líquido transparente e o vidro estilhaçado voaram pela cozinha. Um pedaço de vidro ficou cravado no peito do homem, perfurou-lhe o coração e matou-o. Todos os comentários por baixo do artigo perguntam o que teria passado pela cabeça do homem para levar a cabo uma experiência tão estúpida, mas houve uma vez em que eu meti uma lâmpada no micro-ondas quando era adolescente, só por curiosidade. Compreendo que o comboio do pensamento humano possa descarrilar. É trágico que este homem tenha morrido e que a sua estúpida tentativa irrefletida de se divertir tenha falhado de uma forma que agora vai defini-lo.

Pergunto-me se a minha morte será o que vai definir-me.

— Posso assinar o teu gesso? — pergunta a miúda que estava a puxar-me o casaco.

Olho para as unhas cheias de lixo e depois para o rosto rosado e cheio de baba.

— Claro — respondo, embora preferisse que ela não me tocasse.

Fico ali sentada, uma mártir pela felicidade desta criança, enquanto ela pinta o meu gesso todo com um marcador vermelho de tinta permanente. Ela farta-se de desenhar acidentalmente na minha pele e nas minhas roupas.

Quando acaba, pergunto-lhe o que desenhou e ela diz-me que é um cão. Olho para baixo, examinando o que parece ser o desenho de um pénis com olhos, e suspiro.

A empregada do café grita o meu nome e eu levanto-me.

Entrega-me uma espécie de batido, que eu aceito sem lhe dizer que ela deve ter-me ouvido mal quando fiz o pedido.

Pelos vistos não me fiz entender.

Acho que sou alérgica ao conteúdo daquele batido, fosse lá o que fosse. A minha língua parece estar do dobro do tamanho.

— Porra, por amor de Deus — gemo alto, enquanto esfrego os olhos com a borda do meu gesso novo.

Sinto alguém a tocar-me no ombro.

Viro-me e olho de boca aberta para o rosto de uma mulher idosa emoldurado por um hábito. Arquejo porque não estava à espera de deparar com uma freira quando me virei.

Não sou religiosa, mas mesmo assim não teria escolhido dizer «porra, por amor de Deus» diante de uma mulher velha e devotamente religiosa se soubesse que ela estava no raio de alcance da minha voz.

Ela está a sorrir alegremente.

— Estás bem, querida?

— Eftou óbdima — respondo. A minha língua expandiu-se tanto que agora tenho um defeito de fala.

— Parecias frustrada com alguma coisa — comenta ela.

— Oh, não, eftou óbdima — repito, esboçando um sorriso fingido. Ela retribui o sorriso.

— Posso oferecer-te um boletim informativo da igreja?
Entrega-me um papel encardido dobrado.

Comecei a acumular pratos sujos no meu quarto. O copo do batido que bebi hoje está pousado em cima de uma pequena pilha de copos, pratos e tigelas. Empilhar pratos parece uma espécie de construção de um castelo com blocos. Cada prato que acrescento é arriscado. A dada altura, o castelo vai ruir.

Pensar em lavar a louça é muito parecido com pensar em ir correr. Trato disso amanhã.

Comprei as três últimas edições do *Guinness World Records* antes de ser despedida do meu emprego na livraria. Comprei-as a pensar que poderia devolvê-las depois de as ter lido. Era a minha alternativa preguiçosa à biblioteca. Agora não posso devolvê-las sem enfrentar o meu antigo chefe, que pensa que não sou de confiança e que sou irresponsável. Tenho receio de que, se tentasse devolver estes livros, ele me acusasse de os ter roubado.

Eu era uma má funcionária. Tenho dificuldade em acordar, por isso raramente chegava a horas. Muitas vezes, chegava a faltar ao turno inteiro. Acho que também não acrescentava muito valor quando lá estava. Não tenho a personalidade certa para o atendimento ao público. Uma cliente perguntou-me uma vez se eu era mesmo funcionária da loja, ou se era apenas três gambás enfiados numa gabardina. Fiquei tão confusa com a observação, que a cliente teve de me explicar. Ela disse-me que os gambás são notoriamente assustadiços. Ao que eu lhe respondi:

— Mas então e a gabardina? Não tenho uma gabardina vestida. E os gambás não são assim a dar para o pequenito? Não deveriam ser, tipo, uns cinco ou seis gambás enfiados numa gabardina, isto é, se eu tivesse uma gabardina?

Ela fez queixa de mim ao meu chefe. Ele obrigou-me a ficar sentada na sala dos fundos a ouvi-lo pregar sobre os cinco pilares do bom atendimento ao cliente. Fiquei tão distraída com a paixão com que falava do tema, que não consegui reter nada do que ele disse.

Abro a mais recente edição do *Guinness World Records*. Folheio as páginas brilhantes. Leio que o ser humano mais velho que alguma vez existiu chegou aos 122 anos. Era uma mulher chamada Jeanne. Morreu em França.

Toco no meu cabelo oleoso, viro a página e pergunto-me se haverá registo da pessoa que passou mais tempo seguido sem tomar banho.

O meu coração está a bater a um ritmo mais acelerado do que o de um coelho a ser perseguido por uma raposa. Estou de pé em frente ao lavatório, a repetir incessantemente a mim mesma que estou bem.

Eu estou bem.

Sinto-me como se tivesse uma pessoa sentada em cima do meu peito, mas está tudo bem.

Abro à bruta o meu frasco de vitamina D, ponho dois comprimidos na boca e mastigo-os.

— Isto deve curar-me — digo em voz alta, a iludir-me de uma maneira consciente.

Há pelo menos cinco minutos que não consigo respirar como deve ser. Não tenho oxigénio a chegar-me ao cérebro.

Eu devia ir ao hospital, mas sempre que vou ao hospital, dizem-me que é só ansiedade.

Será isto só ansiedade? Valerá a pena correr o risco de se tratar de um verdadeiro ataque cardíaco? E se o acidente de viação tivesse exacerbado um ataque cardíaco legítimo?

Saco do telemóvel e marco um número que sei de cor.

A voz de um homem diz:

— Olá, ligue para a Telehealth. Caso se trate de uma urgência, por favor desligue e ligue para o número de emergência médica. Em que posso ajudá-lo?

— Olá — digo eu, sem fôlego. — Estou a ter um ataque.

— Por favor, vá às urgências de um hospital.

— Já lá fui demasiadas vezes — explico, ofegante. — Os enfermeiros já conhecem o meu nome. Isso não é normal, pois não? Não posso lá voltar.

— Já foi a um médico?

— Como posso saber se é um ataque cardíaco ou um ataque de pânico?

Agarro-me ao peito.

— Se mudar de posição, a gravidade da dor no peito muda?

— Deixe-me verificar.

Deito-me nos mosaicos frescos da casa de banho, aconchegando os joelhos contra o peito.

Faço uma pausa para ouvir o baque rápido do meu coração.

Tum.

Tum.

Tum.

— Mais ou menos — digo eu.

— É provável que seja um ataque de pânico — explica o homem.

— Tem problemas de ansiedade?

— Parece que sim — respondo, e sinto a dor no meu peito a aliviar ligeiramente.

— Tem alguém com quem possa falar sobre isso? — pergunta-me o homem depois de passar algum tempo em silêncio.

— Tenho-o a si — respondo.

Ele ri-se.

— Como é que a velha livraria te anda a tratar, querida? — ouço a minha mãe perguntar-me, enquanto serve um monte de puré de batata no meu prato de cerâmica.

— Fui despedida — admito, enfardando uma garfada de batatas.

Li uma vez que os humanos conseguem viver alimentando-se apenas de batatas. Uma batata contém todos os aminoácidos essenciais

de que o ser humano precisa para construir proteínas, reparar células e combater doenças.

— Foste despedida? — pergunta o meu pai, que quase se engasga.
— O quê? Porque é que haveriam de te despedir?

No entanto, teria de comer cerca de 25 batatas por dia para obter a quantidade recomendada de proteína e ficaria com deficiências de cálcio.

— Ó da casa! Porque é que foste despedida?

Comer apenas batatas não seria exatamente saudável, mas dava para viver mais tempo do que se comesse apenas alimentos como pão ou maçãs.

— Estás surda? — O meu pai acena com a mão à minha frente.

— O que foi?

— Porque é que foste despedida? — pergunta-me ele, com o rosto ligeiramente enrubescido.

— Não sei — respondo, apesar de saber que me despediram porque não apareci durante cinco turnos consecutivos.

— Foste apanhada a roubar livros ou algo assim? — brinca o meu irmão, o Eli.

— Andas a enviar currículos? — pergunta a minha mãe, antes de eu conseguir responder à alegação do Eli.

— Sim — minto-lhe.

Ficamos todos a ruminar tranquilamente, durante algum tempo, por causa do meu desemprego. A minha mãe suspira.

— Será melhor abrimos uma garrafa de vinho?

— Não — apresso-me a responder.

— O quê? — O meu pai olha para mim. — Porque não?

— Porque não — insisto. — Ando a tomar medicação.

Levanto o meu braço partido.

— Andas a tomar medicação? — pergunta o meu pai. — Pensei que tinhas dito que o acidente de carro e o teu ferimento eram ambos coisinhas de nada? Estás ferida a sério?

— Estou bem.

— E, ainda assim, nenhum de nós pode beber uma bebida? —
escarnece ele.

— É isso mesmo — insisto.

— Não vai haver mais problemas. — O meu pai deu um aperto de
mão ao diretor. — Eu e a mãe dela vamos tratar do assunto. Obrigado,
Dave.

Quando eu tinha 15 anos, os meus pais foram chamados à escola
porque eu ia ser suspensa por dois dias.

A minha turma tinha ido a uma visita de estudo nesse dia. Quando
estávamos de partida, eu e a minha amiga Ingrid ocupámos os luga-
res na parte de trás do autocarro. Um grupo de raparigas confrontou-
-nos. Elas queriam que lhes déssemos os nossos lugares. Eu comecei
a levantar-me, para lhes fazer a vontade, mas a Ingrid recusou-se.
Segurou-me no pulso e disse:

— Não vamos a lado nenhum.

As raparigas que queriam os nossos lugares começaram a chamar-
-nos lésbicas.

A Ingrid não era lésbica. No entanto, era frequentemente acusada
de o ser, porque era minha amiga e há alguns preconceitos errados
sobre a forma como isso se espalha.

Todos os ocupantes do autocarro ficaram a olhar para nós. Come-
çaram a rir-se. Um tipo chamado Brandon pôs-se a gritar:

— Fufas!

— Parem de lhes chamar lésbicas! — A Sra. Camp, a profes-
sora que estava a supervisionar a visita de estudo, interveio por fim.
— Que coisa horrível de se dizer!

As raparigas tiveram de se sentar nos lugares à nossa frente.
A Ingrid ficou tão irritada que levou o isqueiro às pontas dos cabelos
delas. As raparigas não ficaram feridas, mas as pontas espigadas dos

seus cabelos ficaram um bocadinho chamuscadas e a carrinha ficou a cheirar mal.

A Sra. Camp obrigou-me a mim e à Ingrid a irmos ao gabinete do diretor. As outras raparigas não foram chamadas. Vi a Sra. Camp a consolá-las enquanto eu e a Ingrid nos dirigíamos ao gabinete. Ela deu-lhes palmadinhas nas costas e disse:

— Eu sei que foi assustador.

O meu pai deu-me um sermão no carro a caminho de casa.

— Quando cresceres, vais perceber que podes ter problemas piores do que raparigas estúpidas a intimidar-te no autocarro da escola — disse ele. — Não te metas em sarilhos.

— Nem sequer fui eu quem...

— Não me interessa. As pessoas com quem andas são um reflexo de ti. Não podes dar-te com essa tal Ingrid se ela anda a pegar fogo ao cabelo das pessoas...

— Aquelas miúdas eram...

— Não quero saber! Não devias ter dado nas vistas.

A minha mãe ficou em silêncio.

Sirenes com sons diferentes mesclam-se no exterior do meu apartamento. Juntas, estão a criar uma música vibrante e hostil que me impede de dormir. Abro os olhos. Fico a olhar para o teto por cima de mim.

Uma vez, no verão, adormeci na praia e o Eli enterrou-me na areia até ao pescoço. Acordei completamente imobilizada. Não me consegui levantar até ele me desenterrar. É assim que me sinto agora. Sinto-me acorrentada à minha cama.

Pontapeio os cobertores até me desacorrentarem. Reúno toda a força armazenada nas cavernas do meu corpo para me levantar.

Vejo uma luz forte cor de laranja emoldurada pela minha janela. Aproximo-me da luz e espreito lá para fora. A casa do outro lado da rua está em chamas. Há carros de bombeiros, ambulâncias e carros

da polícia num círculo no jardim da frente. Deixo-me estar à janela e fico a observar a casa incandescente. As chamas engoliram o primeiro andar. A casa está a arder desde o telhado. Espero que não esteja ninguém lá dentro.

Os meus olhos desviam-se para as janelas. Estou a tentar detetar silhuetas de pessoas. As janelas do piso superior estão a brilhar. Não há sombras, apenas uma forte luz amarela. Não consigo ver se está alguém lá dentro. As janelas do andar de baixo estão a expelir ondas de fumo negro. Não consigo ver nada além do fumo.

Dou palmadinhas no peito com o punho para acalmar as batidas do meu coração preocupado.

Os bombeiros estão a atirar água às chamas, mas o fogo continua a espalhar-se. Parece-me que o telhado está prestes a ceder.

As sirenes são tão barulhentas que não consigo ouvir nada além do ruído que fazem. Espero que ninguém esteja a gritar por ajuda. Sinto uma pontada de pânico no peito. Vejo o jato de água da mangueira e digo a mim mesma que o fogo está a abrandar, embora não saiba dizer ao certo se está ou não.

Há pessoas a gritar na rua. O que é que estão a dizer? Não consigo perceber nada do que dizem. Abro a janela. O ar do final de novembro está quente por causa do fogo. O cheiro a fumo acre da casa em chamas infiltra-se pelas minhas cortinas. Tento ouvir o que as pessoas estão a gritar.

— Onde é que está o gato?

— O gato conseguiu sair?

Encosto a testa ao vidro fresco e perscruto a escuridão à procura do gato desaparecido.

A minha busca pelo gato é obstruída pelas pessoas que se aglomeram à volta da casa. Está-se a compor uma audiência. Estão ali de pé, com os seus pijamas, a assistir ao tumulto. Reparo que alguns têm nas mãos copos de café que foram comprar. Um homem tem o filho às cavalitas.

* * *

Um olho amarelo na carcaça em decomposição de uma gaivota observou-me a apanhar sol naquele dia em que o meu irmão me enterrou. Foi em meados de agosto. Eu tinha 9 anos. Os meus pais tinham-nos levado a Port Stanley, e, sem saberem, haviam colocado as nossas toalhas de praia a um passo de uma ave morta ainda quente.

À medida que o dia foi avançando, reparei que as gaivotas vivas iam visitar o corpo da gaivota morta. Imaginei que o faziam para apresentar as suas condolências. Pensei que estava a assistir ao pungente velório de uma gaivota.

O meu pai reparou na carcaça passado algum tempo e disse:

— Acho que aqueles ratos marinhos nojentos estão a tentar descobrir como é que aquela outra gaivota morreu.

— Que tristeza aquilo que aconteceu do outro lado da rua, não foi? — comenta a mulher que vive no apartamento ao lado do meu enquanto tranco a porta.

Olho para ela. Está vestida com um roupão cor-de-rosa e tem o cabelo envolvido numa toalha.

— Sim — respondo, perguntando-me porque é que esta mulher está ali a engonhar no corredor.

— É assustador viver num prédio — continua a mulher, agora a olhar-me de cima a baixo. — Nunca se sabe se os vizinhos limpam os filtros da máquina de lavar roupa ou deixam as velas acesas. É claro que você tem aí um extintor, não tem?

— Claro — minto-lhe. — Que tipo de idiota irresponsável é que não tem um extintor?

* * *

Dediquei as últimas quatro horas da minha vida à localização de uma loja que venda extintores. Depois de visitar três lojas e de falar com cinco vendedores, consegui finalmente adicionar um extintor de 60 dólares, topo da gama, ao meu cartão de crédito, agora quase a esgotar o saldo.

Estou a reprimir a minha compulsão para grunhir, praguejar e fazer pausas para descansar enquanto levo para casa, à socapa, o meu extintor novinho em folha. Estou a fazer isto só com um braço a funcionar. A minha vizinha metediça, que receio que me veja com isto e perceba que lhe menti, não faz ideia do trabalho a que me dei só para salvar a vida dela.

Sinto o cilindro a escorregar ligeiramente do meu aperto transpirado. Começo a imaginar-me a deixá-lo cair. Vejo-o a rebolar pelas escadas e a despenhar-se no chão. Penso no barulho que vai fazer. Imagino-o a rebentar algum teto, a cair pelo ar e a embater no crânio de alguma pobre vítima unsuspeita. Imagino a minha vizinha a sair de casa de roupão cor-de-rosa para me confrontar a mim e à cena do crime.

Deixo cair as chaves duas vezes enquanto me atrapalho para abrir a porta de casa. Quando finalmente entro, fecho a porta atrás de mim com um coice e atiro o objeto com mais de 20 quilos para cima da minha cama desfeita. Ele ressalta imediatamente nas molas do colchão, voa pelo ar e cai ruidosamente no chão.

Sinto pontadas no coração.

Apresso-me a inspecionar os danos. Vejo que aterrou mesmo em cima do comando do televisor, que atirei descuidadamente para o chão ontem à noite.

Examino o controlo remoto danificado. Está rachado no meio. Cinco dos seus botões estão pressionados para dentro do plástico e agora não se consegue carregar neles. Digo a mim mesma: *Está tudo bem. Posso simplesmente mudar de canal no televisor a partir de agora*, e atiro-o outra vez ao chão. As pilhas saem a voar como vísceras estripadas.

Vejo as pilhas a rebolar pelo chão e depois perscruto o quarto. Que mais devo fazer para garantir que não sou responsável por matar as pessoas que vivem neste prédio?

Vou verificar o filtro da máquina de lavar roupa.

Deito fora as duas velas que possuo.

Desligo o fogão da corrente.

Abro o armário por baixo do forno. Olho para dentro da gaveta e vejo pilhas de cartas e papel. Apercebo-me, ao analisar o monte de material combustível, de que sou um perigo.

A minha casa tem um armazenamento limitado. Guardo aqui toda a minha papelada. Nunca cozinho, por isso o perigo não é uma ameaça iminente, mas mesmo assim...

Ajoelho-me em frente ao armário e começo a vasculhar a pilha de cartas por abrir, jornais e papelada. Passo por muitas contas em atraso antes de ver um anúncio.

Diz: ESTÁ A SENTIR-SE EM BAIXO?

Sim.

PRECISA DE ALGUÉM COM QUEM FALAR?

Parece que sim.

VENHA A PEACH TREE CRESCENT, N.º 1919 PARA OBTER APOIO GRATUITO À SAÚDE MENTAL.

As palavras GATO PERDIDO confrontam-me de um cartaz triste e enrugado colado num poste telefónico à porta de minha casa. *Mittens*, com 7 anos de idade, visto pela última vez a dormir a sesta no seu peitoril favorito, desapareceu quando deflagrou o incêndio em sua casa. Ele é amigável e responde quando o chamam pelo nome. A sua família está a oferecer uma recompensa pelo seu regresso a casa são e salvo. É cinzento e tem as patas da frente brancas: daí o nome *Mittens*¹.

¹ «Luvas», em português. [N. T.]

— *Mittens?* — chamo para os arbustos escuros, quando vou a passar. — Aqui, gatinho.

Espreito por cima de uma vedação para um quintal. Há geada na relva.

— *Mittens?* — chamo para uma garagem aberta. — *Mittens?* Estás aí? — sussurro na escuridão por baixo de um alpendre. — Anda cá se aí estiveres, *Mittens*.

O número 1919 da Peach Tree é uma enorme igreja gótica. Estou de pé no jardim à frente do edifício intimidante, permitindo-me tomar consciência de que fui enganada por um anúncio evangelizador. Este não é o local onde fazem terapia de graça; é aqui que as pessoas são convertidas à religião que esta igreja apregoa, seja ela qual for.

Olho fixamente para o papel e reconheço, nessa altura, que é o papel que me foi dado por aquela freira.

— Edifício lindo, não é? — diz a voz de um homem por trás de mim.

Assustada com a sua presença inesperada, tropeço nos meus próprios pés.

Ele ri-se, estende-me a mão e diz:

— Olá, sou o Jeff.

Recupero o equilíbrio e respondo-lhe.

— Olá, Jeff.

— É um prazer conhecê-la, minha querida. Está aqui por causa do emprego?

Abro a boca para responder. Detenho-me antes que a palavra *não* me escape pelos lábios. Reparo no colarinho branco do Jeff. É um padre.

Gaguejo quando respondo:

— S-sim.

— Fantástico! — responde, batendo palmas.

* * *

— A nossa anterior rececionista foi levada para junto do Senhor no mês passado — diz-me o Jeff, enquanto me sento no seu gabinete.

Dizer que alguém foi levado para junto do Senhor faz parecer que Deus anda a roubar pessoas.

— Oh, os meus sentimentos — digo, enquanto tento disfarçar o desconforto que sinto por estar na presença de tantas imagens de Jesus. A estatueta mais próxima de mim retrata Jesus a olhar tristemente em direção ao céu. Desvio o olhar dos seus olhos lamentosos e perscruto a sala. Este escritório faz-me lembrar o meu quarto quando tinha 9 anos e estava obcecada por tartarugas-marinhas, sendo que o Jeff está obcecado por crucifixos. Eu tinha lençóis de cama com tartarugas, pósteres de tartarugas e tartarugas de peluche. O Jeff tem uma galeria mista na parede atrás da sua secretária com uma cruz de madeira, uma cruz de ouro, uma cruz de cerâmica e fotografias emolduradas de cruzes. Há um prato de doces em forma de cruz à minha frente que contém uns quantos caramelos *Werther's Originals* empoeirados e uma caneca de café suja com uma pintura renascentista de Jesus a segurar, claro está, uma cruz.

— Obrigado, minha querida — diz ele.

Começo a imaginar um mundo onde Jesus tivesse sido morto usando um método diferente. Imagino pequenas estatuetas de cerâmica com guilhotinas. Imagino pequenas forcas penduradas por cima das camas das crianças. Colares e brincos com cadeiras elétricas.

— Sei que a Grace está agora nas mãos de Deus — acrescenta ele.

Olho em frente, sem saber bem como responder. Será que devia pedir um caramelo?

Ele baixa o olhar para a sua mão, fitando um anel que traz no dedo.

— Este anel era da Grace — diz-me. — Uso-o para me lembrar dela.

Não sei o que dizer. Analiso o anel. Interrogo-me porque é que ela o terá deixado a ele.

— Enfim. — O Jeff aclara a garganta. — Todas as pessoas que se candidataram ao antigo emprego da Grace eram... Oh, como hei de dizer? — murmura ele. — Bem, digamos que todos os candidatos seriam elegíveis para um desconto no Denny's², se é que me faço entender.

Forço uma gargalhada para demonstrar que tenho sentido de humor.

— Andam todos de autocarro à borla às quartas-feiras, se é que me entende?

Volto a forçar uma gargalhada.

— Eu sei que não devia estar aqui a falar — diz ele, a sorrir. — Eu próprio já tenho 72 anos, acredita? Pareço?

Abro a boca.

— Oh, não, não me responda a isso — diz ele, a rir-se novamente. — Mas a sério, eu adoraria ter alguém jovem por aqui. Sabe usar a Internet?

— Se eu sei usar a Internet? — repito.

Ele anui.

— Sim, estou à procura de alguém familiarizado com a Internet. Está familiarizada?

— Bem, sim... — começo a responder.

— Fantástico! — Ele bate palmas. — Fantástico, fantástico, fantástico! E como é a sua audição?

— É normal, tanto quanto sei — digo, atrapalhada. — Acho que ouvi tudo o que disse...

— Bem, minha menina. — Ele sorri. — Parece-me que foi feita para nós! É católica, não é?

— Sim — respondo, apesar de ser lésbica e atea.

² Cadeia de restaurantes que tem descontos para cidadãos seniores. [N. T.]

Ele dá uma palmada na secretária.

— É perfeita!

Duas testemunhas de Jeová apareceram à porta de nossa casa quando eu tinha 7 anos. Perguntaram-me se eu era batizada. Eu respondi que não e elas disseram-me que era porque os meus pais eram ateus. Lembro-me de que as suas vozes ficaram mais graves quando disseram a palavra «ateus», como se fosse uma obscenidade. Por ter 7 anos, possuía uma predisposição natural para fixar palavras, por isso, confiei a palavra à minha memória. Passei os três anos seguintes a chamar ateus às pessoas, sem fazer ideia do que significava, pensando que era uma obscenidade muito à frente.

O meu professor deu-me um F num teste de ortografia e eu murmurei:

— Que ateu do caraças.

A Gemma Igmund começou a espalhar que eu era lésbica e eu confrontei-a:

— Cala essa maldita boca ateia, Gemma.

A minha mãe obrigou-me a ir para a cama cedo e eu gritei do cimo das escadas que estava a viver numa família de ateus implacáveis.

Saio da igreja como se estivesse a fugir da cena de um crime. Olho por cima do ombro enquanto desço a rua, com medo de que o padre esteja a seguir-me.

Ainda estou a agarrar o anúncio que me atraiu para a igreja. Desdobro-o assim que me afasto o suficiente e tenho a certeza de não estar a ser vigiada. Examino o anúncio em busca de qualquer indicação de que a terapia gratuita que promove está a ser oferecida por uma igreja católica. Viro o papel, confirmando que não tem sequer um crucifixinho a enfeitar.

QUANDO TUDO PARECE DESPROVIDO DE SENTIDO, SÃO AS PEQUENAS COISAS QUE NOS SALVAM.



Gilda não consegue parar de pensar na morte, imaginando cenários terríveis e improváveis que a deixam de coração aos saltos e com falta de ar. A sua ansiedade é tão grave, que os funcionários das urgências já a conhecem. Desesperada por encontrar algum alívio, dirige-se a uma igreja católica que oferece serviços de psicoterapia, onde é recebida pelo padre Jeff, que depreende que ela está ali para uma entrevista de emprego. Demasiado envergonhada para o corrigir, Gilda confirma e acaba por ser contratada como rececionista, para substituir a antiga funcionária, Grace, uma mulher idosa recentemente falecida.

O problema é que Gilda não só não é católica como também é atea e lésbica. Sentindo que tem de manter as aparências, decide aprender os procedimentos da igreja, enquanto tenta ganhar coragem para lavar a pilha de louça que se acumula no chão da sua casa e convencer a namorada de que, apesar do seu aspeto cada vez mais preocupante, está tudo bem consigo.

No decorrer das suas funções, Gilda encontra a correspondência trocada entre Grace e a sua velha amiga Rosemary, mas não tem coragem de lhe dar a má notícia, pelo que começa a fazer-se passar por Grace por e-mail, encontrando algum consolo naquela troca de palavras generosas. Contudo, quando a morte de Grace começa a ser investigada pela polícia, Gilda vê-se obrigada a lidar com as mentiras que contou e que podem revelar a toda a gente a forma como tem verdadeiramente vivido.

«O equilíbrio perfeito entre macabro e divertido.»

Buzzfeed



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649747



9 789895 649747 >